

[Cumprimentos]

A autonomia é uma das maiores conquistas do Portugal Democrático. Primordial e insubstituível, assume-se como um dos maiores sucessos dos Açores e do País.

Com reminiscências seculares, que remontam à publicação do Decreto Autónómico de março de 1895, conquistada com a democracia (que o 25 de Abril devolveu a Portugal) e consagrada na Constituição de 1976, a autonomia tem de ser encarada como uma realidade dinâmica, que deve servir a Região, unir os açorianos e engrandecer Portugal.

O que o país e a região são hoje devem-no em grande parte a esses anos decisivos da vida política nacional e regional e aos grandes vultos por detrás desta grande conquista.

Este período histórico, que culminou em mudanças fundamentais na construção do edifício democrático açoriano, deve ser perpetuado no tempo, de forma a dar a conhecer e compreender as bases estruturantes das políticas da região autónoma dos Açores e dos órgãos de governo próprios.

Este importantíssimo desígnio cumpre-se aqui, nesta

obra, do meu caro amigo José Andrade, com prefácio do Dr. Mota Amaral.

É com enorme satisfação que me junto a todos vós na apresentação deste livro, o último da trilogia “Anos Decisivos”, que se assume como o registo de um passado que importa preservar e recordar, projetando no futuro factos e figuras de relevo, sem os quais não é possível perceber, de forma cabal, a conjuntura presente da região.

Efetivamente, a construção do ideário da autonomia e sua praxis política, só foram possíveis graças a vários homens, cuja dedicação à “causa açoriana”, permitiram a concretização das aspirações autonómicas.

Minhas senhoras e meus senhores, a autonomia, como instrumento de progresso, é objeto de consensos e passível de divergências. Importa valorizar uns e ultrapassar outros!

Valorizada pelos benefícios que às populações vai proporcionando, a Autonomia pode e deve sofrer correções no sentido do seu aperfeiçoamento e aprofundamento na constituição, na lei e na prática política regional, num clima de diálogo, na procura constante da melhor síntese, para as teses em confronto.

É preciso desenvolver uma Autonomia que seja capaz de corrigir as assimetrias que a própria Autonomia foi criando, quer entre ilhas, quer dentro das próprias ilhas.

Meus amigos, onde está a autonomia quando alguém residente numa ilha pequena adocece e tem que ser transportado para outra ilha, porque na sua não tem as condições mínimas para o se tratar? Onde está a autonomia quando as passagens aéreas para o continente chegam a estar mais baratas do que as passagens inter-ilhas?

É importante refletir sobre estas questões. É urgente refletir e, sobretudo, combater o distanciamento entre os cidadãos e as instituições políticas que os deveriam representar.

Exige-se uma cidadania participativa e inclusiva, onde as pessoas se revejam no sistema político, quebrando este ciclo de apatia cívica das democracias contemporâneas, em que o povo, o verdadeiro titular da soberania, se abstém de participar em momentos decisivos, passíveis de condicionar o rumo do país.

Meus amigos, é urgente criar espaços de coesão e diálogo. É urgente recolocar a esperança no seio das nossas comunidades. E só conhecendo o passado, através de obras como esta, conseguiremos projetar o nosso futuro.

Apresentação do Livro “1976 Autonomia – O Governo Próprio dos Açores” da Trilogia “Anos Decisivos”

Feira do Livro da Madalena // 22 de outubro de 2016

Intervenção do Presidente da Câmara Municipal da Madalena, José António Soares

É nosso dever cívico e democrático abraçar este desafio, por uma verdadeira autonomia, por um futuro melhor, para os Açores.

Muito obrigada e bem-hajam!